

# “Bolsas de Trabalho”: o que está em jogo?

As Bolsas de Trabalho, uma expressão da autonomia dos trabalhadores

**David Rappe**<sup>1</sup>

<https://doi.org/10.4000/chrhc.2360>

Por quase 30 anos, as Bolsas de Trabalho foram um componente fundamental do sindicalismo francês. Do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, quando o sindicalismo estava se desenvolvendo, se afirmando e se tornando mais estruturado, as Bolsas de Trabalho e sua federação desempenharam um papel central, determinando e marcando profundamente a natureza do sindicalismo e, em particular, da Confédération générale du travail (CGT). Elas deram origem a um modelo completo e autônomo de sindicalismo baseado em táticas, estratégias e uma visão da sociedade. O modelo dominante de sindicalismo que se desenvolveu nas Bolsas de Trabalho propôs uma tática de luta por meio de ação direta, uma estratégia de transformação social por meio da greve geral e estruturas organizacionais imediatas e futuras, as Bolsas de Trabalho e os sindicatos de trabalhadores, destinados a substituir o Estado e os empregadores.

Para a maioria dos líderes da CGT da época e, principalmente, para os da federação dos Bourses, como Fernand Pelloutier e depois Georges Yvetot<sup>2</sup>, as

---

<sup>1</sup> David Rappe é autor de *La Bourse du travail de Lyon, une structure ouvrière entre services sociaux et révolution sociale (Histoire de la Bourse du travail de Lyon des origines à 1914)*, Éditions ACL, 2004, 224 p. Todos os comentários, pensamentos, fontes e documentação usados na produção deste livro e do artigo acima provêm de pesquisas realizadas como parte dos seguintes projetos universitários: Rappe David, *La Bourse du travail de Lyon (des origines à 1914)*, dissertação de mestrado, Lyon, 1997, 151 p.; Rappe David, *Les Bourses du travail, des structures ouvrières entre services sociaux et révolution sociale, une étude à travers les Bourses du travail de la Loire, du Rhône, de l'Isère et de la Drôme, des origines à 1939*, tese DEA, Lyon, 1998, 134 p.

<sup>2</sup> Pelloutier Fernand, nascido em Paris em 1º de outubro de 1867, morreu em Sèvres (Seine-et-Oise) em 13 de março de 1901. Secretário adjunto em 1894, secretário geral em 1895 da Fédération nationale des Bourses du travail, criada em Saint-Étienne em fevereiro de 1892; ativista anarquista e sindicalista, foi, de 1895 até sua morte em 1901, a verdadeira alma da Fédération des Bourses du travail. Yvetot Georges, nasceu e morreu em Paris, de 20 de julho de 1868 a 11 de maio de 1942. Tipógrafo, anarquista e ativista sindical, foi eleito secretário-geral da Fédération des Bourses em 22 de março de 1901, depois de Fernand Pelloutier. Desde o congresso de

Bolsas de Trabalho eram um instrumento para organizar a classe trabalhadora em uma base interprofissional, mas também eram uma ferramenta para lutar e organizar a sociedade futura. Nessa dinâmica, o conceito central é o da autonomia dos trabalhadores<sup>3</sup>. Isso é definido principalmente por sua capacidade de resistir à integração republicana da classe trabalhadora e por sua capacidade de se ver como um projeto autônomo, rompendo com a delegação de poder e a representação política. Favorece o sindicalismo que é independente de todos os partidos e representações políticas.

Portanto, a questão é essencialmente como, e em quais aspectos, as Bolsas de Trabalho são, ou podem ser, dependendo das circunstâncias, do contexto político e social da época, da equipe de ativistas que os administra ou das realidades locais, uma expressão dessa autonomia dos trabalhadores.

Entretanto, algumas observações e afirmações precisam ser qualificadas, dependendo das realidades locais e dos diferentes períodos do desenvolvimento do sindicalismo francês e da CGT em particular. No entanto, as tendências e dinâmicas apresentadas abaixo nos parecem dominantes nas Bolsas de Trabalho e em suas federações, desde suas origens no início da década de 1890 até a Primeira Guerra Mundial, e até meados da década de 1920 em algumas cidades.<sup>4</sup>

## Autonomia organizacional

As Bolsas de Trabalho foram, antes de tudo, a expressão de um agrupamento intersetorial em uma base geográfica. Elas forneceram ao sindicalismo uma estrutura e um quadro de ação que abrangia as dimensões vertical e horizontal.

Com o estabelecimento de federações profissionais, os órgãos verticais permitiram que fossem tomadas medidas em relação às demandas em nível profissional em todo o país, levando à solidariedade entre os trabalhadores do mesmo setor. Os órgãos territoriais horizontais, como as Bolsas de Trabalho e os sindicatos departamentais<sup>5</sup> e locais, demonstraram um tipo diferente de solidariedade, indo além da diversidade de profissões para formar relações de proximidade e solidariedade interprofissional em uma base geográfica. Cada sindicato pertencia à sua federação profissional e à bolsa de trabalho local. A

---

Montpellier, em setembro de 1902, o secretário da seção Bourses era, em virtude de seu cargo, secretário da CGT. Yvetot foi, portanto, até 1918, o segundo na hierarquia sindical como secretário-geral adjunto da CGT.

<sup>3</sup> Consulte Jacques Julliard, *Autonomie ouvrière. Études sur le syndicalisme d'action directe*, Paris, Seuil, 1988.

<sup>4</sup> Esse foi o caso, por exemplo, da Bourse du Travail em Saint-Étienne. Sobre esse assunto, consulte Daniel Colson, *Anarcho-syndicalisme et communisme, Saint-Étienne 1920-1925*, CEF/ACL, Saint-Étienne, 1986, 222 p.

<sup>5</sup> Nota do tradutor: o “departamento” é, na França, uma circunscrição administrativa; o território metropolitano está dividido em 96 departamentos.

originalidade, mas também a força e a autonomia do sindicalismo, vêm dessa ação coordenada entre uma estrutura nacional e as raízes locais por meio das Bolsas de Trabalho.<sup>6</sup>

Deve-se observar também que a composição das Bolsas de Trabalho é, muitas vezes, um reflexo estrito da atividade ou atividades industriais dominantes nas localidades em que estão localizadas. Isso está muito longe da ideia de que as Bolsas de Trabalho deveriam ser o local onde as pequenas corporações, fracas demais para se firmarem na ação industrial, pudessem se reunir e encontrar um lugar para se expressar e existir. As primeiras Bourses que surgiram no final do século XIX baseavam-se nos ramos industriais dominantes em cada localidade. Por volta de 1896, por exemplo, as Bourses que existiam no Loire refletiam o tecido industrial local. Em Saint-Étienne, até 1914, a atividade industrial na cidade e em sua área de influência, os vales de Gier e Ondaine, era dominada por três setores – aparas, mineração e metalurgia – e esses setores dominaram a Bourse du Travail desde seus primeiros anos. De fato, em 1896, o maior sindicato a se associar à Bourse foi o sindicato dos mineiros, com mil membros, representando 34% do total de associados. Em seguida, vinham os trabalhadores têxteis, que representavam 18% dos membros da Bourse, seguidos pelos trabalhadores metalúrgicos, que representavam 13%<sup>7</sup>. Em Roanne, onde as empresas têxteis eram dominantes, empregando quase 7.000 trabalhadores em 1894 em 21 empresas com entre 170 e 600 trabalhadores, a maioria dos trabalhadores da Bourse du Travail eram tecelões (2.000) e tintureiros (220). Em 1896, os trabalhadores têxteis representavam 88% dos membros do sindicato na Bourse du Travail<sup>8</sup>. Da mesma forma, durante a Belle Époque, de 1906 a 1911, as Bolsas de Trabalho sempre foram um reflexo claro da indústria regional e local. Na região de Rhône-Alpes, dois grupos de setores dominavam em termos de forças sindicais que compunham as Bolsas de Trabalho: a indústria têxtil e a metalúrgica.<sup>9</sup>

A natureza intersetorial das Bolsas de Trabalho foi, portanto, um fator importante na natureza dessas estruturas. Embora fossem agrupamentos intersindicais, pois reuniam vários sindicatos comerciais e industriais, sua identidade era de ordem superior, pois era interprofissional. O objetivo das Bourses não era simplesmente reunir os sindicatos de trabalhadores de uma determinada localidade, mas transcender sua identidade corporativa e criar uma estrutura coletiva em uma base geográfica que, indo além das identidades profissionais, se interessasse pelas preocupações da população trabalhadora em geral e tentasse criar uma cultura sindical e trabalhista interprofissional. Seu

---

<sup>6</sup> *Nota do tradutor:* A CGT ainda hoje está estruturada com base em sindicatos filiados a uma federação industrial e a uma bolsa de trabalho. Para que um sindicato possa se reivindicar da CGT, ele deve pagar suas contribuições às duas instâncias.

<sup>7</sup> ADL.93M57 Relatório resumido do comissário especial para o ano de 1896.

<sup>8</sup> AN. F7/13605 Inquérito ministerial de 1896.

<sup>9</sup> AN. F7/13601, 13604, 13605 e 13612 Inquérito ministerial de 1907 e 1911.

objetivo é ser um local onde trabalhadores de diferentes ocupações possam se encontrar e elaborar suas análises e demandas além das especificidades de suas ocupações ou profissões.

Essa dimensão é claramente sentida em cada uma das iniciativas e dinâmicas das Bolsas de Trabalho. Seus serviços são apoiados e gerenciados por todos os sindicatos membros e, acima de tudo, destinam-se a toda a população trabalhadora de uma localidade, independentemente de suas atividades profissionais, conforme demonstram os regulamentos internos das diversas Bolsas de Trabalho<sup>10</sup>. Os princípios, as organizações e as práticas que emergem deles também permitem o surgimento de uma solidariedade intersetorial concreta. Essas solidariedades podem ser explícitas, como em movimentos de greve, através do apoio financeiro por meio do fundo de greve da Bolsa do Trabalho, do envio de militantes e propagandistas aos locais do conflito ou ainda do acolhimento dos filhos dos grevistas em famílias de acolhimento durante o movimento, como em 1906, durante a greve dos trabalhadores do calçado em Fougères.<sup>11</sup>

Elas também podem ser implícitas, como o bloqueio de ofertas de emprego da agência de empregos da Bolsa em relação a um setor profissional onde os trabalhadores estivessem em greve. Por exemplo, a pedido de um sindicato que representasse uma guilda em greve na área de Lyon, o comitê executivo da Bolsa de Trabalho de Lyon poderia decidir bloquear qualquer ação da agência de empregos referente a essa guilda, reduzindo, assim, o risco de os empregadores encontrarem pessoal substituto durante a greve. Foi o que aconteceu em 1895, durante a greve dos funileiros e galvanizadores, quando o escritório de empregos, o “homem” da Bolsa de Trabalho, foi instruído a se recusar a fornecer endereços de emprego “a trabalhadores de fora e a renegados”.<sup>12</sup>

Foi certamente essa identidade e a organização intersetorial que favoreceram o desenvolvimento de uma consciência revolucionária que incentivou a formulação de um projeto social baseado em uma identidade que se pretendia “classista”, acima das especificidades profissionais.

## **Autonomia de ação**

A autonomia de ação defendida e praticada nas Bolsas de Trabalho é expressa principalmente por meio dos princípios de democracia e ação direta considerados como prática sindical.

---

<sup>10</sup> Veja, por exemplo, os regulamentos internos da bolsa de trabalho de Lyon, ADR.10MPsilo2/travée360, Bourse du travail, relatório do comissariado especial de 1892 a 1902.

<sup>11</sup> Roland Trempe, *Solidaire: les Bourses du travail*, Paris, Scandéditions, 1993, 119 p., p. 74 e 75.

<sup>12</sup> ADR.10MP. Comissão Especial do BT. Relatório datado de 22.02.1895.

Nas Bolsas de Trabalho, cada sindicato membro é representado no Conselho de Administração por seus delegados, que têm o mesmo número de votos<sup>13</sup>. Portanto, são todos os membros do sindicato dos trabalhadores de uma Bourse du Travail que lhe dão vida, definem sua direção, tomam decisões, criam e formam comitês e a administram.

Cabe então a cada sindicato definir os mandatos, controlar e garantir a rotação de seus delegados no Conselho de Administração. Portanto, as Bourses praticavam uma democracia direta genuína, com decisões tomadas de baixo para cima e sem delegação. A prática da ação direta como um modo de ação era simplesmente uma extensão desses conceitos de democracia direta e recusa em delegar poder. Longe de qualquer radicalismo contemporâneo que buscase transformar a ação direta em um modo de ação violento, os militantes das Bolsas de Trabalho e, mais especificamente, os sindicalistas revolucionários e os militantes anarquistas, viam a ação direta como uma prática sindical na qual eram os próprios trabalhadores que intervinham diretamente em sua luta, em todos os níveis e em todos os estágios, sem recorrer a especialistas em representação e negociação. A violência só pode ser o resultado do conflito em questão, e nunca uma tática de luta, e só pode ser uma resposta defensiva à violência do empregador e do Estado.<sup>14</sup>

A autonomia de ação do sindicalismo incorporado pelas Bolsas de Trabalho também é marcada pela capacidade de articular demandas imediatas com demandas de ruptura. As Bolsas de Trabalho eram estruturas que buscavam atender às necessidades urgentes da população trabalhadora na sociedade da época, mas, ao proporcionar um local para os sindicatos de trabalhadores se reunirem, eles também eram um centro de demandas, de agitação dos trabalhadores e de desafio à ordem social estabelecida. Não se trata de reformismo de princípios nem de encantamento revolucionário, mas de uma capacidade de partir da realidade, de demandas e necessidades concretas, e de satisfazê-las por meio da organização e da luta na sociedade do momento, deixando claras as causas dessas demandas e desenvolvendo respostas alternativas. Nessa dinâmica, a prática da greve é concebida como uma ginástica revolucionária, possibilitando a melhoria da vida cotidiana enquanto se prepara para a revolução, e a greve geral como uma tática revolucionária. Assim, a greve tornou-se um meio privilegiado de expressão, pois representava a autonomia dos trabalhadores na ação, e a greve geral era o ponto culminante dessa autonomia dos trabalhadores. Os sindicalistas militantes da época entenderam que somente por meio de ações intersetoriais a greve geral poderia ser construída e o velho mundo derrubado. Eles se recusaram a esquecer que, embora o objetivo principal do sindicalismo seja melhorar as condições de trabalho e de vida imediatamente, ele

---

<sup>13</sup> Aqui também, veja os regulamentos internos das várias Bourses du Travail, AN F7/13567.

<sup>14</sup> Sobre esse assunto, consulte Émile Pouget, *La Confédération générale du travail e Le parti du travail*, publicados por Marcel Rivière, 1905 e 1908.

também deve ser o portador de longo prazo de um projeto de transformação social. Foi toda essa abordagem sindical que foi escrita em preto e branco, debatida e adotada no Congresso Confederal da CGT em 1906, e que ficou conhecida como a “Carta de Amiens”. Como parte dessa dinâmica, as Bolsas de Trabalho tiveram que atender a esses dois objetivos.<sup>15</sup>

## **Autonomia social e cultural**

A capacidade da Bolsa de Trabalho de responder às necessidades concretas da classe trabalhadora na época era uma expressão de sua autonomia social. Isso se refletiu plenamente na multiplicidade de serviços sociais que foram criados. Isso é o que poderíamos chamar de função social das Bolsas de Trabalho, renunciando, até certo ponto, a política social do Estado que surgiria muito mais tarde e que, dessa vez, seria assumida pelas classes dominantes e não pelos próprios trabalhadores. Os serviços prestados pelas Bolsas de Trabalho forneceram respostas concretas às necessidades da população da classe trabalhadora em questões fundamentais, como desemprego, legislação trabalhista, treinamento vocacional e saúde, bem como nas áreas de educação e cultura, em uma época em que não havia um sistema estatal de colocação em empregos, treinamento vocacional regulamentado ou seguro social.<sup>16</sup>

Seu papel em termos de serviços aos trabalhadores é expresso principalmente na colocação de desempregados. Esse foi um dos principais motivos pelos quais as instituições municipais e estaduais justificaram sua existência e a alocação de subsídios. Foram criados escritórios de colocação em cada bolsa de trabalho para coletar ofertas de emprego, listar locais de trabalho, compilar estatísticas sobre a atividade industrial e disponibilizá-las para homens e mulheres em busca de trabalho. Na mesma área, foi criado um serviço de *viaticum* para fornecer assistência financeira aos ativistas sindicais que eram vítimas de repressão patronal e estavam na lista negra. O objetivo desse auxílio era permitir que eles se deslocassem de uma Bolsa de Trabalho para outra, a fim de encontrar trabalho e se estabelecer em outra localidade.

Em uma época em que o treinamento vocacional era deixado para iniciativas privadas e de empregadores, os vários sindicatos das Bolsas de Trabalho criaram cursos vocacionais específicos para seu setor de atividade. Esses cursos

---

<sup>15</sup> Relatório dos trabalhos do XV Congresso Nacional Corporativo (IX da Confederação Geral do Trabalho) e da Conferência das Bolsas de Trabalho, realizados em Amiens, de 8 a 16 de outubro de 1906, Imprimerie du progrès de la Somme, Amiens, 1906.

<sup>16</sup> Sobre a extensão dos serviços e das iniciativas culturais das Bourses du travail, consulte Rappe David, *Les Bourses du travail, des structures ouvrières entre services sociaux et révolution sociale, une étude à travers les Bourses du travail de la Loire, du Rhône, de l'Isère et de la Drôme, des origines à 1939*, dissertação DEA, Lyon, 1998, 133 p.

aconteciam nas Bolsas de Trabalho e eram organizados e dirigidos por ativistas sindicais.

Seu objetivo é dar aos trabalhadores maior autonomia profissional para que eles estejam mais bem equipados para lidar com os empregadores em questões de recrutamento, pagamento ou demissão. Esse aprendizado por meio do sindicalismo também tinha o objetivo de promover a consciência de classe. Em Lyon, por exemplo, a primeira motivação apresentada quando a imprensa anunciou a abertura de cursos profissionalizantes na Bourse du Travail foi revolucionária, com o objetivo de dar aos trabalhadores e, principalmente, aos sindicalistas, a capacidade de gerenciar a produção dentro da estrutura da sociedade futura. Os ativistas da Bourse afirmaram que “com a industrialização moderna tendendo cada vez mais a especializar o trabalho, é importante que a classe trabalhadora militante se fortaleça do ponto de vista técnico, para que, no dia em que for chamada a dirigir a produção, não seja obrigada a recorrer a adversários que terão interesse em fazê-la parecer inferior”<sup>17</sup>. Poucos meses depois, em seu relatório sobre o primeiro ano fiscal dos cursos profissionalizantes, os ativistas da Bourse também colocaram a introdução desse serviço no contexto da sociedade da época, especialmente ao apontar a importância para todos os trabalhadores de aprender mais sobre os aspectos técnicos de sua profissão<sup>18</sup>. Esse segundo argumento estava enraizado nas preocupações cotidianas dos trabalhadores, e podemos ver que o discurso sindical era sensível às primeiras consequências do aparecimento maciço de máquinas na organização do trabalho. Esse discurso também é marcado pelas consequências da recente Grande Depressão no mercado de trabalho. Em outra área, em resposta às ações das companhias de seguros das empresas, de acordo com a lei sobre acidentes de trabalho, as Bolsas criaram seus próprios dispensários médicos para oferecer diagnóstico e atendimento de melhor qualidade aos trabalhadores afetados, o que muitas vezes foi acompanhado de consultas médicas gratuitas para os membros do sindicato e suas famílias.

As Bolsas de Trabalho também desempenharam um papel no surgimento de uma autonomia cultural genuína, assumindo muitas questões sociais não diretamente ligadas ao sindicalismo. Eles desempenham um papel na educação popular, organizando conferências, apresentações teatrais de natureza social, matinês artísticas e danças populares, geralmente acompanhadas de envolvimento sindical. Essas iniciativas abrangeram uma ampla gama de questões, desde o antimilitarismo até a saúde e a higiene dos trabalhadores, a emancipação das mulheres e o controle de natalidade. Elas testemunham a multiplicidade de questões sociais abordadas pelas Bolsas de Trabalho. Mais uma vez, esse movimento contribuiu para o

---

<sup>17</sup> Journal *Le Peuple*, 15 a 24 de novembro de 1895.

<sup>18</sup> ADR. PER.128 Bulletin officiel de la Bourse du travail de Lyon (BO/BT) n° de juillet/août 1897.

surgimento de uma cultura de classe genuína que incentivou a disseminação de ideias revolucionárias.

## **Autonomia societal**

Em conjunto, essas concepções, práticas e formas de organização levaram as Bolsas de Trabalho a desenvolver um sindicalismo com uma visão de “ruptura” com a sociedade na qual estava se desenvolvendo, o que lhe conferiu uma dimensão revolucionária.

Com esse conjunto, esse modelo completo de sociedade em ação, as Bolsas de Trabalho prefiguram a futura sociedade pós-revolucionária. Eles representam um mundo paralelo real, uma contra-sociedade que reflete a capacidade da classe trabalhadora de tomar a sociedade em suas próprias mãos. Eles são a expressão de um sindicalismo baseado na prática da ação direta e no reconhecimento do direito dos trabalhadores de se governarem coletivamente, administrando seus próprios assuntos. As Bolsas de Trabalho não apenas proclamam isso, mas também o colocam em prática em suas operações e objetivos diários. A autonomia, portanto, parece ser uma verdadeira escola de emancipação por meio da prática da auto-organização interna. Partindo do princípio de que a gestão direta, para usar o termo da época, seria a força motriz da sociedade futura e que ela não era inata, mas tinha de ser aprendida, praticada e confrontada com a realidade, os ativistas das Bolsas estavam empenhados em torná-la o foco de suas dinâmicas e iniciativas. Essa também deveria ser a força motriz por trás de seu sindicalismo, a fim de incentivar a experimentação necessária antes da ruptura revolucionária e o meio de se equipar com as condições necessárias para poder relançar a sociedade depois. Ao participar da vida da Bolsa de Trabalho, ao buscar melhorias concretas para as necessidades cotidianas, cada trabalhador foi confrontado com essa experimentação e essa forma de organização social que poderia abrir outras perspectivas.

As Bolsas de Trabalho tinham a capacidade de tornar a revolução uma realidade por já serem uma prefiguração dela, um esboço dela, ao mesmo tempo em que eram ferramentas para lutas e demandas imediatas. O modelo social que eles incorporavam também era um componente essencial do sindicalismo que promoviam.

## **Autonomia política**

Esse modelo completo de sindicalismo, baseado em uma forma de organização, uma prática e um projeto para a sociedade, todos intimamente ligados, garante a independência de qualquer representação política. A organização proposta pelas Bolsas de Trabalho, baseada em um fundamento geográfico e profissional, oferece uma alternativa à representação parlamentar.

As Bolsas de Trabalho levaram o movimento dos trabalhadores da época a assumir sua autonomia ao máximo, por meio de um modelo completo de sindicalismo e projeto social organizado em torno delas, tendendo até mesmo ao separatismo do restante da sociedade.

Essa autonomia do movimento dos trabalhadores foi alcançada não apenas em relação às tentativas de integração republicana, mas também em relação a todas as formas de representação política pelos vários partidos socialistas da época. O objetivo dos partidos socialistas e, mais tarde, dos partidos comunistas, por meio dos conceitos de *república social* e *conquista do poder do Estado*, era incentivar os trabalhadores a se verem como parte integrante da administração da sociedade por meio de sua representação e de qualquer progresso e resultado. A delegação de poder e as eleições tornam-se indispensáveis em tal processo. Para alcançar a liderança política de uma sociedade, é necessário ser capaz de se integrar em seu jogo de representação política. A conquista do poder político exige uma divisão de tarefas entre o sindicalismo, cujo papel se limita às demandas corporativas e à agitação social, e o partido, que reúne a facção mais consciente e é responsável por fornecer respostas em termos de sociedade. A mudança social era então alcançada por meio da tomada do poder, nesse caso, o poder municipal ou estadual. Essas eram concepções muito diferentes e irreconciliáveis com a dinâmica autonomista promovida pelas Bolsas de Trabalho.

Enquanto, até 1914, o movimento operário era politicamente “separatista”, entendendo que o parlamentarismo era um monopólio das classes dominantes, os partidos políticos socialistas se interessaram por ele e até o integraram ao sistema político por meio de sua representação. Levando em conta todos esses fatores, podemos ver que o desenvolvimento do fenômeno comunista na década de 1920 favoreceu essa integração e também foi um fator de recuo do sindicalismo revolucionário, recuperando, mesmo que momentaneamente, parte de sua herança. Além disso, o crescimento dos subúrbios e o sucesso eleitoral do Partido Comunista em muitos desses novos municípios incentivaram a transição de uma cultura da classe trabalhadora formada nas Bolsas de Trabalho para uma cultura da classe trabalhadora mais voltada para os subúrbios, o bairro e o espaço urbano. Isso é o que está acontecendo em cidades como Bobigny, Saint-Denis e Vénissieux<sup>19</sup>. Nesses municípios, que eram controlados por eles, os comunistas se esforçaram para criar vários serviços para a população da classe trabalhadora, substituindo os oferecidos pelas Bolsas de Trabalho.<sup>20</sup>

Essas últimas observações nos levam, em conclusão, a levantar a questão dos limites das Bolsas de Trabalho. Em primeiro lugar, havia a questão de seu

---

<sup>19</sup> Veja os seguintes trabalhos sobre esse assunto: Annie Fourcaut, *Bobigny, banlieue rouge*, Paris, ed. Ouvrières-Presses de la FNSP, 1986, 216 p. e Jean-Paul Brunet, *Saint-Denis, la ville rouge, 1890-1930*, Hachette, Paris, 1981.

<sup>20</sup> Madeleine Rebérioux, “Conscience ouvrière et culture ouvrière en France entre les deux guerres mondiales”, *Historiens et géographes*, no. 350, outubro de 1995, pp. 219-229.

desaparecimento e perda de centralidade no movimento sindical entre as guerras. O surgimento do fenômeno comunista, envolto no prestígio da Revolução Russa, e a contribuição das teorias marxistas-leninistas com o objetivo de tornar o sindicalismo uma simples correia de transmissão para o partido, enfraqueceram profundamente a posição das Bolsas de Trabalho e impuseram um novo modo de desenvolvimento e ação ao movimento dos trabalhadores. Com a consequente divisão sindical, a Bolsa de Trabalho deixou de ser a expressão de um vasto conjunto cultural e político de profundo acordo entre o movimento operário e a classe trabalhadora. Criadas com base na ideia de unidade dos trabalhadores, tanto em sua composição quanto na expressão de seus serviços, as Bolsas de Trabalho se viram transformadas em ilhotos em meio ao colapso geral<sup>21</sup>. Dependendo da situação, surgem questões insuperáveis sobre a própria essência das Bourses, sobre como excluir este ou aquele tipo de membro do sindicato dos serviços dessas instituições. Como negar acesso à biblioteca, a informações jurídicas, a cursos de esperanto (embora o esperanto seja uma língua proletária internacional) a qualquer pessoa que não tenha o cartão do sindicato correto?<sup>22</sup>

Essas mudanças também podem ser explicadas pelo fato de que, como resultado da Primeira Guerra Mundial, a classe trabalhadora passou por uma profunda transformação, tornando-se mais jovem e mais feminina, formando uma parte significativa da classe trabalhadora que não havia vivido os dias de glória das Bolsas de Trabalho anteriores a 1914. Além disso, a Primeira Guerra Mundial também levou a uma verdadeira ruptura geracional dentro do movimento trabalhista, como resultado do derramamento de sangue que causou entre as classes trabalhadoras e os camponeses. Muitos dos sindicalistas militantes que haviam participado das Bolsas de Trabalho e que carregavam consigo seu espírito e sua prática, não estariam mais presentes no pós-guerra para passar o bastão, para transmitir uma experiência e uma certa concepção do movimento dos trabalhadores. Aqueles que “permaneceram”, que ainda estavam por perto, muitas vezes eram, ao contrário, aqueles que, como Léon Jouhaux, haviam aceitado a união sagrada durante a guerra e até mesmo colaborado com o aparato do Estado, uma experiência que certamente mudou sua visão das coisas, levando-os a uma concepção estatal social-democrata. Foram esses militantes que, em sua maior parte, contrabalançaram o surgimento do movimento comunista, mas ao mesmo tempo viraram a página da autonomia operária.

Além disso, a dinâmica definida acima dentro das Bolsas de Trabalho nem sempre foi tão clara, dependendo das situações locais ou das diferentes tendências sindicais influentes em um determinado momento. Imediatamente após o fracasso da greve geral iniciada em 1º de maio de 1906, correntes reformistas impuseram-

---

<sup>21</sup> Daniel Colson, *op. cit.*, p. 192 e 193.

<sup>22</sup> *Nota do tradutor*: de acordo com a minha experiência pessoal, os sindicatos da CGT hoje em dia (falo pelo que conheço) não recusam os seus serviços, em particular consultas jurídicas, a pessoas que não são sindicalizadas.

se em algumas Bolsas de Trabalho graças à unidade socialista dentro da SFIO<sup>23</sup> e ao apoio de municípios conquistados por políticos radicais ou socialistas. Nesses casos, as Bolsas de Trabalho perderam sua independência e autonomia e se tornaram nada mais do que retransmissores dos partidos políticos e das políticas sociais dos municípios, embora continuassem a fornecer uma estrutura para as lutas corporativas dos sindicatos. No entanto, esse fenômeno permanece limitado e o espírito e a dinâmica que descrevemos permanecem dominantes e majoritários nas Bourses e em sua federação. Com o recuo da dinâmica sindicalista-revolucionária dentro da CGT, de 1909 a 1910, as Bolsas até pareciam ser um lugar onde essas concepções poderiam se retirar.

Por fim, a experiência e a história das Bolsas de Trabalho também são marcadas por questões relacionadas à sua independência e ao seu relacionamento com as instituições, especialmente em vista dos subsídios que recebiam. Longe de se tornarem um “aparelho ideológico do Estado”, como alguns historiadores gostariam de dizer<sup>24</sup>, as Bolsas de Trabalho conseguiram manter sua independência e autonomia em relação às instituições municipais e estaduais, pelo menos quando os sindicalistas revolucionários eram dominantes. Uma relação mais próxima com as instituições só poderia ser o resultado de uma escolha política, como foi o caso em algumas cidades, e não uma necessidade institucional. A questão dos subsídios nunca foi um fator determinante na vida ou mesmo na sobrevivência dessas estruturas da classe trabalhadora, mesmo que o fenômeno do “subsídio” fosse muito real. Entre 1906 e 1911, por exemplo, todas as Bolsas de Trabalho tinham uma proporção significativa de subsídios em seus orçamentos, variando de 60% a 90% do total, com uma média de cerca de dois terços<sup>25</sup>. No entanto, a perda desses subsídios nunca levou ao fechamento de uma Bolsa de Trabalho, que pode continuar a existir com seus próprios recursos. O único problema real era a propriedade dos edifícios em que as Bolsas de Trabalho estavam localizadas. Como os edifícios eram disponibilizados aos sindicatos de trabalhadores pelos municípios, era por meio deles que as autoridades exerciam controle e repressão sobre o movimento sindical, o que poderia levar ao fechamento das Bolsas de Trabalho, como aconteceu em 1905 em Lyon, em 1906 em Paris e Grenoble e em 1911 em Saint-Étienne. Nem em Lyon, em 1905, nem em Grenoble, em 1906, a retirada dos subsídios levou ao fechamento dessas duas Bourses. Foi somente a retirada do prédio municipal de que elas desfrutavam e a expulsão dos sindicatos à força que levou ao fechamento das Bourses.

---

<sup>23</sup> *Nota do tradutor:* Seção francesa da Internacional Operária, nome oficial do Partido Socialista entre 1905 e 1969.

<sup>24</sup> Peter Schöttler, *Naissance des Bourses du travail. Un appareil idéologique d'État à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, PUF, 1985.

<sup>25</sup> AN. F7/13567. Consultas feitas pelo Ministro do Interior em 1907 e 1911.

## Referência bibliográfica

David Rappe, “Les Bourses du travail, une expression de l’autonomie ouvrière”, *Cahiers d’histoire. Revue d’histoire critique*, 116-117 | 2011, 43-55.

## Referência eletrônica

David Rappe, “Les Bourses du travail, une expression de l’autonomie ouvrière”, *Cahiers d’histoire. Revue d’histoire critique* [Online], 116-117 | 2011, Online since 01 January 2014, connection on 24 February 2025. URL: <http://journals.openedition.org/chrhc/2360>; DOI: <https://doi.org/10.4000/chrhc.2360>

## Este artigo é citado por

- Bérout, Sophie. (2015) *Bourdieu et le travail*. DOI: 10.4000/books.pur.69782
- Bérout, Sophie. Denis, Jean-Michel. (2012) Le développement interprofessionnel de Solidaires : entre volonté d’expérimentation et reproduction du « modèle » confédéral. *La Revue de l’Ires*, n° 75. DOI: 10.3917/rdli.075.0067